

## ***Regras fonológicas e aquisição de consoantes em Francês Língua Estrangeira***

Fernando Martinho  
(Universidade de Aveiro)

### **Resumo**

*Com este trabalho pretendemos abordar alguns aspectos da aquisição da fonologia no ensino do Francês Língua Estrangeira (FLE). Na primeira parte, procuraremos lembrar algumas características do modelo interferencial/estrutural: tomando como exemplo os casos de reajustamento realizados em contexto pelos discentes na aprendizagem das vogais anteriores labiais, levantaremos a questão da eficácia descritiva da teoria contrastiva e do sistema de interferências que lhe está associado, concluindo provisoriamente que a fonologia da interlíngua sugere uma revisão dos seus pressupostos. Na segunda parte, veremos que num modelo gramatical em que a interface entre os módulos conceptual e articulatório da linguagem humana permite ao falante, com base num sistema de sons organizado a nível abstracto, apagar, inserir ou deslocar segmentos, a fonologia possibilita a formulação de alternativas metodológicas para o conceito de interlíngua. Na terceira parte, procederemos ao estudo da pronúncia das consoantes e das suas combinações —em ataque ou coda, isoladas ou agrupadas, homossilábicas ou dissilábicas—, identificando em consequência na interlíngua regras fonológicas derivadas da Sonority Hierarchy e da Morpheme Structure Condition. Face às características da gramática do locutor de FLE, que revela a manipulação sistemática de traços universais na reestruturação da sua língua interna, concluiremos que uma interlíngua deve ser considerada, independentemente dos seus pressupostos contrastivos e apesar da sua efemeridade, como um sistema linguístico pleno, isto é, a interlíngua é uma língua.*

### **Résumé**

*Nous prétendons par ce travail aborder quelques aspects de l'apprentissage de la phonologie dans l'enseignement du Français Langue Étrangère (FLE). Dans la première partie, nous chercherons à souligner les principales caractéristiques du modèle interférentiel/structural. Prenant comme exemple le cas des voyelles antérieures labiales, nous soulèverons, face aux cas de réajustement effectués en contexte par les apprenants, la question de l'efficacité descriptive de la théorie contrastive et du système d'interférences qui lui est habituellement associé, concluant provisoirement que la phonologie de l'interlangue exige une révision de ses présupposés. Dans la deuxième partie, nous verrons que dans un modèle grammatical dans lequel les relations d'interface entre les modules conceptuel et articulatoire du langage humain, autorisent le locuteur, sur la base d'un système de sons organisé au niveau abstrait, à effacer, insérer ou déplacer des segments, la phonologie permet la formulation d'alternatives méthodologiques au concept d'interlangue. Dans la troisième partie, nous procéderons à l'étude de la prononciation des consonnes et de leur combinatoire —en attaque ou en coda, isolées ou groupées, homosyllabiques ou dissyllabiques— identifiant en conséquence dans l'interlangue des règles phonologiques inspirées de la Sonority Hierarchy ou de la Morpheme Structure Condition. Face aux caractéristiques de la grammaire du locuteur de FLE, qui révèle la manipulation systématique de traits universels dans la restructuration de sa langue interne, nous en concluons que l'interlangue doit être considérée, indépendamment de ses présupposés contrastifs et malgré son caractère éphémère, comme un système linguistique à part entière, c'est-à-dire une langue.*

« Les mots de la langue parlée, c'est ce qu'on mange quand on mange les mots, ou ce que l'on a quand on a des mots avec quelqu'un, ou bien ce que l'on place quand on réussit à placer un mot. Bref, ces mots de la langue parlée sont tout simplement ce que l'on dit. »  
Sven Öhman

## 0. Introdução

Este trabalho aborda alguns aspectos da aquisição da fonologia no ensino do Francês Língua Estrangeira (FLE).<sup>1</sup> No parágrafo 1, tomando como exemplo a aprendizagem das vogais anteriores labiais, procuraremos lembrar as principais características do modelo interferencial/estrutural. Perante os reajustamentos realizados em contexto pelos discentes, levantaremos a questão da eficácia da teoria contrastiva das interferências, concluindo provisoriamente que a fonologia da *interlíngua* exige uma reapreciação dos métodos estruturais. No parágrafo 2, veremos que num modelo gramatical em que a interface entre os módulos conceptual e articulatorio da linguagem humana permite ao falante, com base num sistema de sons organizado a nível abstracto, apagar, inserir ou deslocar segmentos, a fonologia possibilita a formulação de alternativas metodológicas para o conceito de *interlíngua*. No parágrafo 3, procederemos ao estudo do sistema de consoantes e da sua combinatória — em *ataque* ou *coda*, isoladas ou agrupadas, homossilábicas ou dissilábicas—, identificando a ocorrência de regras fonológicas derivadas da *Sonority Hierarchy* ou da *Morpheme Structure Condition*. Face às características da gramática do locutor de FLE, que revela a manipulação constante de traços universais na reestruturação da sua fonologia, concluiremos que a *interlíngua* deve ser considerada como uma língua.

## 1. A interlíngua e o modelo contrastivo

A integração da componente oral na descrição linguística da LE e as condições específicas que a aprendizagem da pronúncia implica, obrigam a uma reflexão sobre o ensino da fonologia. Em termos de análise contrastiva, a correcção fonética apresenta-se antes de mais como um exercício de imitação auditiva, que assenta directamente nas ideias de continuidade e de transposição. No caso de discentes de LE, o acesso à pronúncia baseia-se no princípio de que o sistema fonético materno tem um papel catalisador, destinado a ser projectado, por meio da prática da fala, sobre o sistema alvo.

A transferência da experiência linguística materna para a LE justifica-se em princípio facilmente: a identificação dos contornos fonéticos e o domínio dos sistemas orais em LE correspondem a procedimentos e competências cognitivas que o falante revela já possuir em LM. Pode, em consequência, formular-se a hipótese de que, confrontado com a diversidade da LE, o aluno acabe por convocar estratégias produtivas/perceptivas previamente postas em prática na LM, estratégias essas que transfere, conscientemente ou não, para a LE, em função, talvez, das suas próprias exigências auditivas ou das dificuldades técnicas/materiais encontradas. Numa primeira análise, presumimos que a experiência materna tende a facilitar e canalizar o tratamento cognitivo da língua estrangeira.

### 1.1. Erros e interferências

Com que dificuldades se depara o ensino da pronúncia na aula de língua estrangeira? Em LE, tanto o auditor como o locutor estão submetidos a vários factores de bloqueio. O primeiro é vítima de fenómenos relativos à segmentação de palavras, à antecipação ou ao restabelecimento de sequências, ou a simples confusões acústicas. Por outro lado, no plano da expressão, o locutor descobre que alguns desses bloqueios podem ser

---

<sup>1</sup> Os dados aqui analisados provêm essencialmente do contacto com alunos do ensino superior universitário, oriundos das áreas de Humanidades ou Gestão.

anulados: quando fala, será tanto melhor compreendido quanto respeitar os *moldes sintáctico-intonativos*<sup>2</sup> da LE, e isto apesar de existirem, na sua produção, eventuais imperfeições articulatórias, como a pronúncia de /i/ por /y/ ou /o/ por /ø/ (cf. infra). O discente tem pois em conta a eventual ocorrência de elementos que ele próprio realiza na sua língua materna, ou, como sugere CALLAMAND (1981), que considera produzidos pelo seu interlocutor (o docente neste caso, ou um substituto, como uma fita magnética) na base de uma previsibilidade informacional, derivada da própria organização do enunciado:

- (1) *Cette impression trouve sur le plan psycho-linguistique une justification: en effet, l'organisation structurée et hiérarchisée de la phrase permet d'en dégager les constituants immédiats et il s'opère alors pour l'auditeur une sorte de prédictibilité de l'information.*<sup>3</sup>

Do ponto de vista perceptivo, estas “antecipações” podem levar a induzir a percepção daquilo que nunca se pronunciou, criando, em consequência, “alucinações auditivas”.<sup>4</sup> Tudo se passa, pois, como se o sistema materno do aluno estivesse a bloquear uma percepção estável da LE, como se uma filtragem imposta pela fala materna acabasse por distorcer o panorama acústico do discente, alimentando uma *interlíngua* cuja fonologia se apresenta necessariamente num estado precário.<sup>5</sup>

Em que contexto se pode falar de *transferência e interferência*? Para TABOURET-KELLER (1974),

- (2) *l'interférence résulte d'un processus qui aboutit à la présence dans un système linguistique donné d'unités et souvent de modes d'agencement appartenant à un autre système.*<sup>6</sup>

Acerca da interferência entre fonetismos, CALLAMAND (1981) adianta que

- (3) *la situation d'apprentissage d'une langue étrangère met nécessairement deux systèmes phoniques en conflit. Les habitudes acquises par la pratique de la langue maternelle ne seront que très rarement transférables et freineront l'acquisition des habitudes nouvelles requises par le système de la langue apprise.*<sup>7</sup>

A interferência equivale à ocorrência de elementos de LM em LE, provocando desvios perceptíveis a nível da fala, do léxico, ou da sintaxe. A interferência fonética consiste em falar uma língua estrangeira com o seu próprio sistema fonético, com a consequência previsível de o discente acabar, caracteristicamente, por escolher “atalhos” articulatórios. Na incapacidade de assegurar novas articulações, mas devendo obedecer aos imperativos da comunicação, o locutor não nativo procede, então, por substituições segmentais aproximativas.<sup>8</sup> O estudo da permeabilidade relativa dos sistemas considerados permite, pois, no âmbito do ensino da LE, uma recolha de mecanismos de transposição e equivalência.

Podemos inferir destas observações que o ouvinte encontra-se, na realidade, em situação de escuta da sua própria língua quando ouve falar a LE. De certa forma, é a sua língua materna que está a ouvir, que espera ouvir, e é também a que vai usar quando falar. Em consequência, estará pouco receptivo a diferenças fonéticas, caso estas não existam na fonologia materna. Fica assim sujeito a uma fossilização da sua pronúncia, isto é, a um conjunto de erros e desvios fixados a nível subjacente, estando condenado, como sugere CALBRIS (1981), a um condicionamento mais ou menos inevitável:

---

<sup>2</sup> Expressão de CALLAMAND, op. Cit. p.6

<sup>3</sup> CALLAMAND M., op.cit., p.6

<sup>4</sup> Expressão de STUBBS, M., (1983) in *Discourse analysis. The sociolinguistic Analysis of Natural Language*, Oxford, Basil Blackwell (citado por CALLAMAND)

<sup>5</sup> A experiência na aula de FLE mostra-nos que essa filtragem pode tornar “surdo”, isto é, insensível a determinadas articulações, que, em contrapartida, o aluno está perfeitamente apto a distinguir na sua própria língua.

<sup>6</sup> TABOURET-KELLER, "Où commence le bilinguisme?", in *De la théorie linguistique à l'enseignement des langues*, p.164

<sup>7</sup> CALLAMAND, op. cit., p.70

<sup>8</sup> CALLAMAND (1981) relembra as condições particulares em que a mensagem oral é transmitida, e as consequências que advêm para a sua integridade no caso de existirem deficiências articulatórias:

(i) *La prononciation véhicule la totalité du message oral, et si un francophone peut toujours l'interpréter en dépit de distorsions phonétiques importantes, la communication en français entre utilisateurs non francophones risque d'être entravée.* CALLAMAND, op. cit., p.5

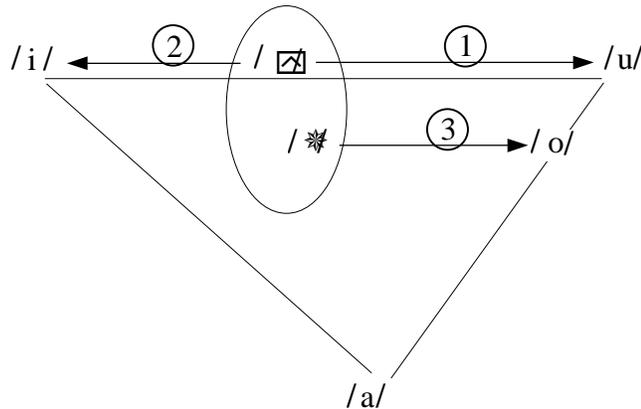
- (4) *La langue maternelle établit des habitudes auditives et articulatoires. L'apprentissage d'une autre langue doit en établir de nouvelles, ce qui exige tout un reconditionnement, sinon l'individu entend et articule les sons de la langue étrangère sur la base du système des sons de sa langue maternelle. Plus ce dernier sera fixé et automatisé, plus le reconditionnement sera long et difficile.*<sup>9</sup>

## 1.2. Alguns casos de interferência

Veamos um primeiro caso de interferência em FLE. A oposição /ã/ – /ẽ/, inaplicável em Português, mas frequente em Francês, força o discente, de modo a manter uma diferença semântica entre lexemas (como em *vent/vin*), a procurar estratégias alternativas. Não podendo reproduzir articulações fora do seu alcance (caso das nasais abertas francesas), o locutor vai reduzir a nasal francesa à sua variante mais próxima (a nasal fechada portuguesa /ẽ/) no plano do arquifonema /Ã/ correspondente, invalidando a distinção semântica primitiva. Essa redução origina, em consequência, na interlíngua pares mínimos ambíguos como *vent* \*[vẽ] / *vin* \*[vẽ].

Outro exemplo significativo é o das labiais /y/ e /ø/ e as suas variantes [œ] e [ø̃]. As vogais anteriores labiais são inexistentes em Português Europeu (cf. BARROSO (1999)), mas representam, em Francês, um conjunto importante, na zona anterior/alta do triângulo vocálico —cf. (5). Para compensar o défice de labiais anteriores, o locutor de FLE recorre a segmentos portugueses foneticamente convergentes. A pronúncia derivada de [y], vogal anterior labial fechada, produz em FLE a posterior fechada [u], por conservação da labialidade e neutralização da anterioridade (cf. transformação (1) em (5)), ou em alternativa (menos frequentemente), um [i], por conservação da anterioridade e neutralização da labialidade (cf. transformação (2) em (5)). A adaptação ao Português da labial semi-aberta [ø] resulta em [o], de novo por conservação da labialidade e neutralização da anterioridade (cf. transformação (3) em (5)). A tendência demonstrada por esses reajustamentos consiste pois em “esvaziar” a zona central-alta do sistema vocálico da interlíngua, privilegiando as zonas extremas/recuadas, contrariando nitidamente a distribuição dos traços fonéticos das vogais francesas.

(5)



O processo de compensação vocálica nas anteriores labiais francesas, ilustrado em (5), pode ser interpretado como a consequência de um fenómeno de interferência, visto que a anterioridade é em Português um traço menor —a proporção de vogais anteriores é reduzida (cinco, segundo BARROSO, (1999), p. 80) —, e a labialidade é, por seu lado, um traço dominante.<sup>10</sup> Em Francês, contudo, aparecem os dois traços em conjunto,

<sup>9</sup> G. CALBRIS, "La prononciation et la correction phonétique", in *Guide pédagogique pour le professeur de français langue étrangère*, p.62

<sup>10</sup> Observe-se paralelamente que em Francês a anterioridade não é um traço marcado, a incluir, pois, no leque de traços fundamentais a treinar na interlíngua.

sob forma de vogais anteriores labiais. Estas serão reproduzidas como posteriores labiais, por meio de um movimento de recuo no triângulo vocálico, produzindo em interlíngua desvios como *minute* \*[minit], ou *heureux* \*[oro].

Estes casos de *interferência segmental*, em que se verifica não existir paridade, correspondem aos erros de *performance* mais frequentes, e representam, na realidade, os casos em que os resultados são menos óbvios do ponto de vista da aquisição.

## 2. Universais fonológicos

### 2.1. Os limites da análise contrastiva

Independentemente dos tipos de interferência, o método contrastivo parece ter contudo os seus limites: se a interferência fosse a única causa que determina e condiciona a *interlíngua* do discente, deveria ser possível, com base em indícios maternos, prever e identificar (todas) as dificuldades encontradas na aquisição de uma língua estrangeira. Ora, embora as teorias interferenciais postulem, precisamente, que a confrontação da LM com a língua estrangeira deveria tornar evidentes as estruturas problemáticas em termos de aquisição —cf, por exemplo, a Teoria da Marcação (ECKMAN, 1977) —, convém notar que, na realidade, a maneira como o falante vai adaptar a sua própria fonologia à fala estrangeira não parece ser derivada específica e integralmente da LM, mas seguir um padrão universal.

A observação de casos como os apresentados no parágrafo 1.2. sugere que factores não exclusivamente contrastivos se manifestam na *interlíngua*. Na medida em que as características maternas não justificam todas as diferenças entre a LM e a LE, a compreensão da aquisição da LE requer que se investigue, para além da estrutura da língua materna, aquilo que se pode designar como a *gramática da interlíngua*. Dado que uma teoria geral da percepção e da produção linguísticas pode contribuir para essa tarefa, torna-se indispensável, com base em pressupostos que permitam repensar a maneira como se deve encarar a aquisição da linguagem, rever o modelo fonológico contrastivo.

### 2.2. Representações subjacentes na componente fonológica

Os dados da neurolinguística, amplamente debatidos nas teorias modernas sobre psicologia cognitiva e modelos de aquisição da linguagem<sup>11</sup>, apontam para que o cérebro de uma criança comece a perder a sua plasticidade linguística por volta dos 9/10 anos, contemporaneamente, portanto, do primeiro contacto curricular com a língua estrangeira. Uma maneira óbvia de contornar as etapas naturais da maturação cerebral seria, pois, de submeter o falante a um contacto antecipado com a língua estrangeira, idealmente nos primeiros escalões da escolaridade. Tentativas nesse sentido, implementadas no âmbito de uma reformulação curricular, deverão apontar para resultados convergentes com estes pressupostos. Os dados oriundos do estudo do bilinguismo tendem também para conclusões semelhantes, quer a nível lexical, quer fonológico. De acordo com a teoria da linguagem defendida por neurolinguistas como Jenkins<sup>12</sup> e linguistas como Chomsky<sup>13</sup>, constitui facto

---

<sup>11</sup> Lembremos aqui o confronto entre Piaget e Chomsky, em que a questão da aquisição da capacidade linguística se encontra amplamente discutida. Cf. PIATTELLI-PALMARINI M (1979), *Théories du langage. Théories de l'apprentissage. Le débat entre Jean Piaget et Noam Chomsky*, Paris, Seuil, Collection Points

<sup>12</sup> Cf. Jenkins, L. (2000), *Biolinguistics : exploring the biology of language*, Cambridge University Press

<sup>13</sup> Relativamente às teorias generativistas sobre a aquisição da linguagem, consulte-se, por exemplo, além de Chomsky (1995): -Jackendoff, Ray. (1997). *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge, MA: MIT Press.

-Lightfoot, David (1999) *The Development of Language: Acquisition, Change and Evolution*. Blackwell.

incontornável que o discente de LE se encontra, na sala de aula, confrontado, simultaneamente, com a redução geneticamente programada da sua capacidade em discriminar sons, e a descoberta de um novo sistema fonológico.<sup>14</sup>

Esta evidência didáctica está em sintonia com os pressupostos elaborados à volta do programa gramatical de Chomsky. O modelo generativo prevê de facto uma configuração geral dos traços articulatorios/perceptivos que postula, na faculdade da linguagem, a existência de um módulo fonológico, a partir do qual seriam processadas regras de optimização e aplicadas as restrições correspondentes sobre a boa formação das derivações (cf. CHOMSKY (1986, 1995)). O conjunto de restrições que caracterizam a fonologia de um determinado locutor é ao mesmo tempo universal<sup>15</sup> e partilhado —isto é, todos os falantes têm a mesma representação subjacente (*Underlying Representation*) dos itens lexicais da sua língua—, sendo que as línguas se distinguem tipologicamente, a nível da Componente Fonológica, em função do grau de aplicação/violação dessas mesmas restrições.

No âmbito da gramática generativa, a existência de um módulo articulatorio traduz-se numa concepção da língua em que

- (6) [...] os itens lexicais podem ser dados de uma forma abstracta na representação da estrutura sintagmática, sendo depois convertidos na sua forma final pela aplicação sucessiva de regras fonológicas e fonéticas.<sup>16</sup>

A teoria chomskyana dos sons baseia-se obviamente numa ruptura com a fonologia estrutural, na medida em que os pressupostos da fonologia generativa visam essencialmente

- (7) [...] encontrar as representações mentais que estão na base da produção e da percepção do discurso e as regras que ligam estas representações aos eventos físicos do discurso.<sup>17</sup>

A relação existente entre as *representações mentais* do falante e os *eventos físicos* do discurso oral estabelece-se por meio de regras fonológicas na interface com o sistema perceptual/articulatorio —abrangendo simultaneamente as estruturas prosódica, segmental e silábica da língua—, que autorizam o falante, com base num sistema de sons organizado a nível abstracto, a apagar, inserir ou deslocar segmentos, de forma a atribuir um *spell-out* a qualquer derivação.<sup>18</sup> O uso intuitivo desse sistema mental de sons parece ser derivado dos mesmos pressupostos que o conhecimento inato das demais componentes da gramática da língua materna, revelado muito precocemente pela criança. A formulação de regras de correspondência entre os níveis mental e fonético da Componente Fonológica deriva, por sua vez, da ideia de que os segmentos sonoros constitutivos da linguagem humana são classificados a partir de uma série de traços distintivos primitivos, geralmente considerados binários —[+presente] ou [-ausente] (cf. CHOMSKY & HALLE (1968)). Esse sistema de traços serve de entrada para engendrar as regras fonológicas que se aplicam a classes naturais de sons, isto é, a segmentos que têm em comum determinadas propriedades fonéticas, e permite em consequência identificar as relações entre os vários alófonos de um segmento. Nessa óptica, o vocalismo átono do Português Europeu, por exemplo, é visto como a aplicação de uma *Regra de elevação e centralização das vogais átonas*, que estipula que a passagem de tónicas a átonas se caracteriza por uma alteração dos traços ligados ao timbre ([-altas] / [+altas]) e ao modo de articulação ([-recuadas] / [+recuadas]).<sup>19</sup>

De que modo pode o anterior quadro teórico contribuir para identificar os problemas específicos da aquisição de uma língua estrangeira? Podemos, antes de mais, reapreciar o conceito de *interlíngua*. No modelo interferencial/contrastivo, considera-se *interlíngua* o sistema de transição elaborado pelo discente ao longo do

---

-Crain Stephen, Lillo-Martin Diane, (eds) (1999), Introduction to Linguistic Theory and Language Acquisition Blackwell Textbooks in Linguistics

14 No caso de discentes do ensino superior, a questão reduz-se à situação de contacto de um adulto com uma língua estrangeira, caso em que a *língua interna* do falante se encontra já num estado definitivo, e não pode ser alvo de reestruturação.

15 Isto é, geneticamente determinado, nos termos de Chomsky.

16 Cf. CHOMSKY (1986), p.72

17 CHOMSKY, op. cit., p.58

18 Essas regras têm obrigatoriamente um carácter geral, como por exemplo o facto de uma vogal ser nasalizada antes de uma consoante nasal.

19 Cf. MATEUS et alii (1989), p.358.

processo de aquisição da LE, isto é, desde o início do contacto até ao fim dos objectivos de formação. Idealmente, esse estado intermédio deverá tender para ser resolvido no mais breve prazo possível e não deverá permitir que formas maternas cristalizem na competência entretanto adquirida. Este modelo levanta contudo várias dificuldades do ponto de vista linguístico e cognitivo, na medida em que, como sugerem os estudos sobre o conhecimento e uso da língua por parte do sujeito, se pode afirmar que uma *interlíngua* é obrigatoriamente um processo em que a gramática materna serve de *input* para a maturação da LE com base em propriedades universais da linguagem. Note-se que, se, à primeira vista, a transferência de competência cognitiva e de capacidade intelectual se verifica na aprendizagem da LE —assim como acontece em outras áreas da aprendizagem—, em contrapartida não deixa de ser verdade que a aquisição de uma língua estrangeira difere por natureza e princípio da aquisição da LM: os discentes de uma língua estrangeira não partem obviamente de um “estado zero”, não são uma folha virgem, como supostamente o são as crianças perante a língua materna, mas devem basear-se minimamente numa gramática e numa fonologia já formadas e cristalizadas.

Entre outras implicações, estas observações pressupõem que o conceito de *interlíngua* se pode aplicar, não só a um período definido na dimensão linguística da aprendizagem escolar, mas também a um mecanismo natural e inevitável de contacto interlinguístico, que se desenvolve e aplica segundo regras imutáveis da linguagem. Contrariamente ao modelo interferencial, vamos considerar que a *interlíngua* não se limita a uma fase transitória -e caótica por natureza<sup>20</sup>- da aprendizagem, que o aluno terá interesse em abreviar o mais possível, de modo a evitar riscos de fossilização e cristalização, mas é antes de mais um sistema linguístico pleno, que deve ser apreendido sincronicamente do ponto de vista descritivo, com base num modelo gramatical objectivo, e que, como qualquer espécime de língua natural, pode ser encarado como o resultado de uma combinação de factores, a nível, por um lado, do conhecimento inato da gramática e, por outro, da persistência mnemotécnica de um saber adquirido em contexto escolar.

Em suma, pensamos que os dados produzidos em *interlíngua* têm a mesma legitimidade descritiva e explicativa que os dados habitualmente recolhidos a nível da língua materna, ou da diacronia linguística, para a compreensão da finalidade geral da gramática mental, do seu conhecimento e da sua natureza. Assim como é o caso, por exemplo, para o estudo das etapas da maturação da língua materna no período pré-escolar da criança, o estudo da *interlíngua* poderá, do mesmo modo, contribuir, já a nível da escolaridade, para o objectivo que representa, como se sabe, a tarefa central da gramática generativa, e que se pode resumir nos pontos seguintes: (i) identificar a origem do saber linguístico do locutor e as regras que caracterizam esse saber; (ii) descrever como esse conhecimento se desenvolve e amadurece sob forma de uma *língua interna*; (iii) descrever os mecanismos físicos e neurológicos sobre os quais assentam (i) e (ii).

De modo geral, entenderemos por *interlíngua* um grau de competência gramatical intermediária entre a gramática materna —incluindo a sua fonologia— e a da língua estrangeira, no fundo um tipo de *língua interna* resultante de uma recombinação efémera entre conhecimento intuitivo e aprendizagem. No caso da *interlíngua* oral, vamos partir do princípio de que os traços fonéticos maternos são investidos na *interlíngua*, isto é, que o discente transfere para a LE a evidência articulatória/perceptiva materna. As dificuldades na aprendizagem surgem do facto de a fonologia da LE se apresentar como um conjunto de requisitos que se vêm sobrepor aos hábitos pré-existentes e, eventualmente, contrariá-los. O aluno de LE encontra-se perante uma dupla tarefa: realizar a aquisição de um sistema fonético/fonológico novo de modo a poder aceder às representações subjacentes dos itens lexicais da LE, e, simultaneamente, diferenciar dois sistemas concorrentes, LM e LE. Nessa gestão das diferenças, os dados oriundos da LE são sistematicamente processados por meio de regras gerais fonologicamente convergentes —por exemplo, é provável que traços como a labialidade se conservem em LE, mas não o grau de abertura, etc—, em função, por um lado, da rede de correspondências fonológicas subjacentes aos itens lexicais em contexto, e, por outro, de traços universais presumivelmente característicos do sistema articulatorio humano.

No parágrafo seguinte, vamos analisar as regras fonológicas relevantes para a aquisição da pronúncia e distribuição das consoantes em FLE.

---

20 Caótica, porque depende, entre muitos factores, da qualidade linguística do docente.

### 3.Fonologia das consoantes em *interlíngua*

O exame atento da pronúncia das consoantes em aula de FLE leva a concluir que o discente lusófono opta invariavelmente por um conjunto específico de estratégias no desenvolvimento do consonantismo da sua *interlíngua* que não podem ser estritamente derivadas da evidência materna. O sistema das consoantes apresenta teoricamente, no contexto francófono, uma dificuldade reduzida em termos de aquisição fonológica —se comparado com o sistema vocálico—, na medida em que LE e LM têm um modelo de articulações bastante próximas. Será contudo a nível fono-sintáctico que os sistemas de consoantes distinguem áreas problemáticas.

O quadro seguinte ilustra o paralelismo articulatorio existente entre os dois sistemas consonânticos:

(8)

		Labiais		dentais		alveolares		palatais		velares		uvulares	
		Fran.	Port.	Fran.	Port.	Fran.	Port.	Fran.	Port.	Fran.	Port.	Fran.	Port.
contínuas líquidas	laterais					/l/	/l/		/ʎ/		/ʎ/		
contínuas líquidas	vibrantes							[r̄]	[r̄]			/R/	/R/
	apicais					[r]	/r/						
contínuas fricativas	surdas			/s/	/s/			/ʃ/	/ʃ/				
	sonoras			/z/	/z/			/ʒ/	/ʒ/				
	surdas			/f/	/f/								
	sonoras			/v/	/v/								
Oclusivas orais	surdas	/p/	/p/										
	sonoras	/b/	/b/							/k/	/k/		
	surdas			/t/	/t/					/g/	/g/		
	sonoras			/d/	/d/					/j/	/j/		
Oclusivas nasais		/m/	/m/	/n/	/n/								

Será de notar que, apesar do conjunto instável de alófonos manifestado pelas laterais e vibrantes a nível fonético, o sistema de consoantes é do ponto de vista da Componente Fonológica globalmente convergente nas duas línguas.

#### 3.1. Consoantes em *ataque* de sílaba

Que tipo de regras distribucionais se aplicam ao consonantismo na Componente Fonológica? Em primeiro lugar, a posição da consoante relativamente à sílaba parece condicionar a sua articulação. As consoantes em ataque de sílaba —iniciais ou intervocálicas— são [-surdas]<sup>21</sup>, enquanto as finais são geralmente [+surdas]. Essas duas posições extremas contribuem, presumivelmente, para definir conjuntos distintos de regras fonológicas ligadas à reestruturação da sílaba na *interlíngua*.

Outro factor a ter em conta é o isolamento ou o agrupamento de consoantes, quer na mesma sílaba, quer em sílabas sucessivas. O *Maximal Onset Principle* (MOP, cf. Kahn (1976), Selkirk (1981)), que determina algumas regras de divisão silábica (ou segmentação), estipula que as consoantes intervocálicas —incluindo as agrupadas, como [pl]—, são associadas ao *ataque* (posição inicial) da sílaba seguinte, e não à *coda* (posição

<sup>21</sup> Optamos neste trabalho por atribuir o traço [±sonoro] ao sistema vocálico e o traço [±surdo] às consoantes. Consequentemente, [a] é [+sonora], [j] é [-sonora], [b] é [-surda] e [t] é [+surda]. Este sistema de oposições coincide parcialmente com outros traços usados em fonologia generativa, nomeadamente a nível da sonoridade, como [±vozeado] ou [±soante].

final), em conformidade com condições fonológicas universais (em que a estrutura CV é dominante) e regras específicas de uma língua (que favorece um tipo de sílaba, geralmente constituída de *ataque* e *rima*). Grupos de consoantes (*clusters*) *homossilábicas* como [tR], por um lado, e sequências de consoantes *dissilábicas* como [st] ou [kt], por outro, implicam contudo dificuldades de segmentação e silabificação no plano da recomposição prosódica e segmental na *interlíngua* Português/Francês.

### 3.1.1. *Ataque* silábico simples

À margem da instabilidade dos traços fonéticos ligados às laterais e vibrantes (cf. quadro (8)), a proximidade dos sistemas envolvidos nas consoantes isoladas simples em ataque de sílaba permite delinear algumas convergências em termos de transposição de segmentos fonológicos, e faz prever, na gramática do locutor, um custo reduzido em termos de aquisição dos paradigmas articulatorios.

### 3.1.2. *Ataque* complexo

Com base no *MOP* e em BARROSO (1999), consideramos dois tipos de *clusters* —ou agrupamentos consonânticos: (i) as consoantes homossilábicas /((C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)/, sendo obrigatoriamente C<sub>2</sub> a vibrante /R/ ou a lateral /L/, ambas limitadas a uma única sílaba, como [fl] em *flor*; (ii) as consoantes dissilábicas /((C<sub>1</sub>)(C<sub>2</sub>)/, pertencentes geralmente a sílabas diferentes, em que C<sub>2</sub> não pode ser /R/ nem /L/, como [rt] em *porto*.

#### 3.1.2.1. *Clusters* homossilábicos em /((C<sub>1</sub>)R)/<sup>22</sup>

Este contexto é ilustrado em sílabas de *esqueleto* /C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V/, sendo que, na dupla C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>, C<sub>2</sub> é obrigatoriamente a consoante vibrante /R/, sob forma de um dos seus alófonos (cf. Quadro (8)). Eis alguns exemplos nas duas línguas:

- (9) a. cri, trou, bras, très, tigresse, pris, frais, gris, vrai (Francês)  
[kRi, tRu, bRa, tRɛ, tigRɛs, pRi, fRɛ, gRi, vRe]
- b. braço, crente, drama, frei, grato, prato, três (Português)  
[ˈbrasu, krɛt, ˈdremɐ, frej, ˈgratu, ˈpratu, treʃ]

Como se nota em (9), as combinações consonânticas em /((C<sub>1</sub>)R)/ distinguem-se pelo facto de o alófono vibrante ser [-surdo] em Francês e [+surdo] em Português, havendo em consequência na interlíngua que prever a produção de sequências fonéticas de tipo \*[(C)r]: \*[kri]/[kRi]. Esta reestruturação do grupo de consoantes obedece pois a regras fonéticas maternas —que estipulam eventualmente que em Português a vibrante /R/ realiza [r] em grupos homossilábicos.

#### 3.1.2.2. *Clusters* homossilábicos em /((C<sub>1</sub>)L)/

Este contexto é ilustrado em sílabas de *esqueleto* /C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V/, sendo que, na dupla C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>, C<sub>2</sub> é obrigatoriamente a consoante lateral /L/. Eis alguns exemplos nas duas línguas:

- (10) a. blé, clé, fléau, gland, pli (Francês)  
[ble, kle, fleo, glã, pli]
- b. bloco, clima, flor, globo, plano (Português)

<sup>22</sup> Usamos os símbolos C para consoante, V para vogal, (C) para paradigma consonântico, (V) para paradigma vocálico. Na transcrição fonológica delimitada por /, os sons são representados pelos símbolos fonéticos da AFI. O hífen (-) situa a posição da sílaba. /((C<sub>1</sub>)R)/ representa pois a estrutura fonológica abstracta relativa a sequências fonéticas como [tR], [pR], [bR] em ataque de sílaba. O índice representa a posição no cluster.

[ˈblɔku, ˈklime, flor, ˈɡlobu, ˈplenu]

As combinações consonânticas em /((C<sub>1</sub>)L-/ caracterizam-se pelo facto de o alófono líquido do grupo ser [-surdo] ou [+surdo] em ambas as línguas —por assimilação da sonoridade da primeira consoante—, não havendo em consequência na interlíngua sequências fonéticas problemáticas a registar. Também não se manifesta neste contexto velarização de /L/ em [ʎ].

### 3.1.2.3. Clusters dissilábicos simples em /S(C<sub>2</sub>-/

A possibilidade de encontrar a consoante /S/ combinada em início de sílaba permite, de acordo com o *Maximal Onset Principle*, variações sobre agrupamentos dissilábicos. Note-se, em primeiro lugar, que o lusófono dispõe, na sua fonologia, de sílabas iniciais de *esqueleto* /S(C<sub>2</sub>-/. Em Português, uma palavra com essa sequência, como aquelas que vieram do latim em SC-, graficamente realizadas como ESC, tem uma representação subjacente em /ESK/ mas é foneticamente realizada como [ʃk], por *aférese* de [θ], caso de *escola* ([ˈʃkɔle], do lat. *schola*) ou *estádio* ([ˈʃtadju], do lat. *stadiu*).<sup>23</sup> Em Francês, contudo, o mesmo contexto produz a sequência gráfica etimológica SC e representação fonológica subjacente /SK/, como em *stade* ([stad]), o que provoca em *interlíngua* uma passagem da [+palatal] [ʃ] para a [+dental] [s]. Em consequência, uma regra de *prótese* aplica-se no falar do discente: os alunos lusófonos tenderão a epentetizar a sequência /s(C<sub>2</sub>-/ acrescentando-lhe [e] em inicial — eventualmente [θ]—, acabando, em superfície, por silabificar a sequência correspondente a /C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V-/ em [EC<sub>1</sub>#C<sub>2</sub>V]. A prótese [ES#(C<sub>2</sub>-], característica da *interlíngua*, é justificada pelo vozeamento que representa a passagem de [ʃ] para [s] e reflecte-se nos exemplos seguintes:

(11)

<b>Latim</b>	<b>Português</b>	<b>Francês</b>	<b>interlíngua</b>
/s(C <sub>2</sub> -/	/ʃ(C <sub>2</sub> -/	/s(C <sub>2</sub> -/	*/ES#(C <sub>2</sub> -/
stadio	ˈʃtadju	stad	*estad
speciale	ʃpɔˈsjal	spesjal	*espesjal
stabile	ˈʃtavɛl	stabl	*establθ
scholaris	ʃkuˈlar	skolɛR	*eskolɛR

### 3.1.2.4. Clusters dissilábicos complexos em /S(C<sub>2</sub>)R-/

O mesmo fenómeno interlinguístico de vozeamento de [ʃ] em [s] ocorre com a variante complexa /S(C<sub>2</sub>)R-/ , em casos como *escrutar* (Francês: *scruter*), *estratégia* (*stratégie*), *estrutura* (*structure*), etc., resumidos em (12):<sup>24</sup>

(12)

<b>Latim</b>	<b>Português</b>	<b>Francês</b>	<b>interlíngua</b>
/S(C <sub>2</sub> )R-/	/ʃ(C <sub>2</sub> )R-/	/S(C <sub>2</sub> )R-/	*/ES#(C <sub>2</sub> )R-/
scrutare	ʃkruˈtar	skRyte	*eskRyte
strutura	ʃtruˈture	stRuktyR	*estRuktyR
strategia	ʃtreˈtɛzje	stRatezi	*estRatezi

Também aqui, os discentes tenderão a epentetizar em [e] a sequência /S(C<sub>2</sub>)R-/ , acabando por reajustar as sílabas correspondentes a /C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>C<sub>3</sub>V/ em [ES<sub>1</sub>#C<sub>2</sub>C<sub>3</sub>V]. A prótese /ES#(C<sub>2</sub>C<sub>3</sub>-/, característica da interlíngua, é justificada pela sequência [s(C<sub>2</sub>)R].

## 3.2.As regras do consonantismo de *ataque* em interlíngua

<sup>23</sup> cf. MATEUS, p.350 e p.364. Note-se que a prótese da vogal equivale a transformar a sequência /S(C<sub>2</sub>-/ num grupo homossilábico.

<sup>24</sup> Outros exemplos: SCR: *scribe, script, scrotum, scrupule, scrutin*; STR: *stress, strict, strident, strie, strophe*.

Podemos, dos casos analisados em 3.1, tirar algumas conclusões? Levantam-se, antes de mais, algumas dúvidas. O que leva, por exemplo, o Português a desvozear /R/ em [r] em sequências agrupadas como /-(C<sub>1</sub>)R-/ em 3.1.2.1, enquanto o Francês não o faz? O que leva, ainda, o Francês a vozear [ʃ] em [s] em sequências como [s(C<sub>2</sub>)] em 3.1.2.3, enquanto o Português admite [ʃ(C<sub>2</sub>)]? Sobre este tipo de questão, a análise fonológica do consonantismo de *ataque* fornece algumas pistas.

A *Morpheme Structure Condition* (MSC, cf. Chomsky & Halle (1968), Kiparsky (1982)) estipula condições que traduzem conjuntos de regularidades acerca da estrutura fonológica dos itens lexicais. É geralmente assumido que a MSC pode ser expressa positivamente ou negativamente, proibindo ou autorizando diversas combinações ou sequências de traços.

No primeiro caso, a MSC adianta que um item só pode começar por três consoantes (sequência /-(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>C<sub>3</sub>)(V)-/, se C<sub>1</sub> for (um alófono de) /S/, como em *strange* —neste caso em Inglês— ou em *escravo* ([ʃkravu]). Na mesma sequência, C<sub>3</sub> deve ser obrigatoriamente /R/ ou /L/, ou seja, uma [+vibrante] ou uma [+lateral].

Parece-nos pois que em casos como (12), a MSC distingue entre a LE, que tolera /S(C<sub>2</sub>)R-/ e a interlíngua, que prefere /ES#(C<sub>2</sub>)R-/ —ou seja, que não contempla os grupos [skR] ou [stR]. De um ponto de vista fonético, é natural que os *clusters* consonânticos dissilábicos sejam quebrados por meio de prótese, na medida em que exigem esforço articulatório acrescido relativamente a *clusters* homossilábicos. Em /ES#(C<sub>2</sub>)R-/, neste caso, o vozeamento de /S/ facilita um movimento dos articuladores levando à inserção de schwa.

O grupo /S(C<sub>2</sub>)L-/, por seu lado, muito menos frequente —encontra-se em Inglês em casos como *sclerosis*, Francês *sclérose*<sup>25</sup>— seria processado na *interlíngua* da mesma forma, com base na sequência materna [ʃkl], como em *eschusa* ([ʃkduze]).

A MSC negativa, por sua vez, impõe que uma sílaba não pode começar (ou acabar) com determinadas combinações de traços, como por exemplo [+nasal]/[+velar] (\*[mk]). Em interlíngua (como também em LE e LM), a MSC identifica grupos homossilábicos impossíveis, como:

(13) \*[ʒR], \*[lR], \*[mR], \*[nR], [sR],

ou seja, grupos de consoantes em que a vibrante [R] ([r] em Português) está associada a fricativas, laterais ou nasais.<sup>26</sup> A mesma análise pode ser alargada à estrutura homossilábica /-(C<sub>1</sub>)L-/. Sequência como (14):

(14) \*[dl], \*[ʒl], \*[ml], \*[nl], \*[sl], \*[tl], \*[vl],

em que a lateral é associada a dentais ou nasais, não se encontram nas línguas em análise.<sup>27</sup>

De modo geral, essas combinações internas a grupos de consoantes homossilábicas obedecem a regras restritivas universais, que bloqueiam traços fonéticos incompatíveis.<sup>28</sup> Como a linguagem humana impõe que, a nível da interface com a Componente Fonológica, um enunciado *convergente* seja caracterizado por uma interpretação articulatória e auditiva plena, conclui-se que só unidades foneticamente interpretáveis podem figurar de forma legítima na representação fonética de uma derivação. Os exemplos em (13) e (14) sugerem pois que restrições universais relativas ao sistema articulatório/perceptivo humano —como a combinação de determinados traços— se devem aplicar a essas unidades.<sup>29</sup>

Levanta-se outra questão ligada às consoantes não-finais: na sequência /-(C<sub>1</sub>)R-/, como justificar em interlíngua a escolha do alófono da vibrante? A *Sonority Hierarchy* (SH), apresentada inicialmente por Jespersen (Cf. Katamba (1989)), princípio capaz de prever a ordem dos sons nas sílabas complexas, parece, a meu ver, fornecer algumas pistas. Sugere este princípio a existência de um dispositivo fonológico nas línguas naturais sob forma de uma escala de valores representando a variação de sonoridade (ou *vozeamento*) das classes de sons, que classifica e ordena determinado segmento de acordo com a sua sonoridade. Os segmentos revelam uma variação

<sup>25</sup> Aparentemente, única ocorrência em Francês, caracterizada pela inicial SCLÉR (*scléral, sclérique, sclérote...*)

<sup>26</sup> Destaque-se ainda a combinação [vr], não encontrada em inicial em Português.

<sup>27</sup> Refira-se contudo, em Francês, a sequência inicial [atl], em casos como *atlante, atlas*. Acrescente-se que fica excluída desta restrição a série de estrangeirismos existentes em Francês (*sleep, slogan, slice, slalom*), e o agrupamento dissilábico [sl], como em *dyslexie* ou *islam*.

<sup>28</sup> Estas sequências são contudo possíveis em grupos dissilábicos, em particular depois de redução a *schwa*: “se laver” [slave]

<sup>29</sup> Pollock (1997, p.107) sugere outras restrições universais, como consoantes acentuadas ou consoantes simultaneamente nasais e fricativas. É sabido que, dentro de todas as combinações de traços teoricamente possíveis de produzir pelo aparelho articulatório, só uma (pequena) parte é efectivamente realizada nas línguas naturais.

universal de sonoridade ao longo dos *clusters* fonológicos, o que explica a tendência dos *clusters* consonânticos em aderir também a princípios como *SH*. A hierarquia de sonoridade é um *continuum* fonológico que ordena os segmentos como em (15):

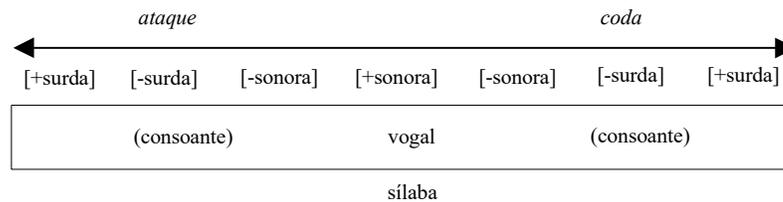
(15) Hierarquia da Sonoridade (SH)

Vogais	→	glides	→	líquidas	→	nasais	→	fricativas	→	oclusivas
sonoridade máxima										sonoridade mínima

Assim, dentro das classes menos sonoras (à direita), haverá consoantes oclusivas [+surdas], como /p/, e oclusivas [-surdas], como /b/, enquanto dentro da classe de [+sonoras], haverá que distinguir, respectivamente, entre nasais, ‘glides’ e, finalmente, vogais (segmentos [+vozeados]), maximamente sonoras.

Aplicado a sílabas complexas, o princípio *SH* pode ser usado para explicar a distribuição dos segmentos consonânticos e justificar restrições. Em primeiro lugar, para dar conta da distribuição dos *clusters* consonânticos na gramática fonológica do locutor, podemos formular a hipótese de que qualquer *cluster* /C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>/ que verifique, de C<sub>1</sub> para C<sub>2</sub>, um movimento da esquerda para a direita em (15) é gramatical, ao passo que o mesmo *cluster* implicando um movimento da direita para a esquerda será agramatical. Em segundo lugar, se o núcleo da sílaba —a vogal— é o elemento maximamente [+sonoro], concluímos que a sonoridade das consoantes circundantes deve decrescer por etapas desde o núcleo até aos limites da sílaba. Ou seja, quanto mais afastado está do centro da sílaba, mais um segmento é desvozeado ([+surdo]). Assim, a *SH* determina que as consoantes em *ataque* de sílaba devem verificar (15) da direita para a esquerda (sonoridade crescente), enquanto as consoantes em *coda* devem verificar, por *efeito espelho*, a hierarquia contrária (sonoridade decrescente):

(16) Hierarquia da Sonoridade Silábica



O valor descritivo do princípio *SH* mede-se pela sua capacidade em justificar o fracasso de sequências problemáticas, como \*[sl], \*[tl], ou \*[Rt]. Com base em (15) e (16), sílabas fictícias como “matl” ou “lkon” (exemplos do autor) são impossíveis nas línguas humanas, já que, em \*[matl], a sequência [tl] implica uma sonoridade crescente num contexto decrescente (afastamento progressivo do núcleo silábico), e em \*[lkon], a sequência [lk] manifesta o comportamento oposto. A sequência de traços [+nasal] [+sonora] [+oclusiva] [+líquida], detectada em [matl], não respeita assim o princípio *SH*, por justapor segmentos afastados na hierarquia de traços em (15).

Em consequência da *SH*, afigura-se que, em *interlíngua*, grupos homossilábicos como /(C<sub>1</sub>)R-/ serão interpretados a nível fonético como [(C<sub>1</sub>)R] em *ataque* de sílaba —e provavelmente [(C)r] em *coda* (cf infra)— na medida em que o alófono líquido [-surdo] [R] antecede um segmento vocálico [+sonoro]. Do mesmo modo, em contextos dissilábicos, é desvozeado o *ataque* da sílaba, isto é, a sua primeira consoante (exemplo: *escova* [ʃkove]). Relativamente à língua portuguesa, a *SH* identifica contudo um caso problemático, visto que uma sequência inicial decrescente como [(C)r] está em contradição com a proximidade do núcleo vocálico, e revela uma sequência de traços ([±surda] [+surda] [+sonora]) incompatível com a hierarquia de *SH*.<sup>30</sup> De acordo com (15), o *cluster* [(C)r] não corresponde ao contexto crescente da *coda* (exemplo: *três* [treʃ]).

Afigura-se-nos que a tendência geral do consonantismo de *coda* Português consiste no desvozeamento de uma consoante, como no grupo homossilábico /(C<sub>1</sub>)R-, em que é desvozeada a consoante vibrante. Em

<sup>30</sup> Este caso corresponde a uma objecção frequente contra a *SH*, incapaz de dar conta da estrutura de algumas sílabas. Por exemplo, a frequência de *clusters* de ataque como /ST/ está em contradição com (15), já que implica uma sonoridade decrescente em *ataque* de sílaba. O *cluster* /(C<sub>1</sub>)R/ em que /R/ é desvozeado em [r] implica também uma sonoridade decrescente.

contrapartida, de acordo com (15), o Francês admite nos mesmos contextos *clusters* de consoantes [-surdas], como [gR] (*grave*) ou [+surdas], como [sk] (*score*). Formulamos em (17) essa tendência do consonantismo Português:

(17) Desvozeamento de Consoantes Periféricas

nível fonológico	→	nível fonético
/ (C <sub>1</sub> )R-/		[(C <sub>1</sub> )r]
/S(C <sub>2</sub> )-/		[ʃ(C <sub>2</sub> )]
/S(C <sub>2</sub> )(C <sub>3</sub> )-/		[ʃ(C <sub>2</sub> )(C <sub>3</sub> )]

Por que razão *grave* se diz [gRav] em Francês, mas [ˈgravɐ] em Português? Em (17), sugerimos que os *clusters* de ataque contendo a vibrante [r] em C<sub>2</sub> podem ser considerados vantajosos do ponto de vista perceptivo. Ataques homossilábicos como [tr], [kr], [ʃtr] beneficiam em Português de alguma vantagem perceptual relativamente à ordem prevista por (15). A regra (17) levanta a hipótese de que num *cluster* combinando /R/ com uma consoante oclusiva, o desvozeamento em [r] assegura uma maior riqueza de informação sobre o traço [+oclusivo], o que explica a sua ocorrência em detrimento de (15). Note-se que este tipo de *cluster* manifesta um efeito simétrico em *coda*, na medida em que a sequência /-R(C<sub>2</sub>)/ implica também em Português desovamento de /R/ em [r] —cf. infra. Este comportamento de *clusters* de *ataque* ou *coda*, resumido em (17), poderá estar relacionado com outras características gerais da língua. Assim, parece existir de facto paralelismo estreito entre a ocorrência do *cluster* [(C<sub>1</sub>)r] e a mobilidade do acento: em Francês, língua de acento fixo, a líquida /R/ é obrigatoriamente vozeada em [R] em *clusters* de tipo / (C<sub>1</sub>)R-/ ou /-R(C<sub>2</sub>)/, ao passo que em Português Europeu, língua de acento móvel, /R/ é sistematicamente desvozeada nos mesmos contextos.<sup>31</sup>

3.3. Consoantes em *coda* de sílaba

Obedece o comportamento das consoantes em *coda* —posição final—a regras distintas? Como se disse anteriormente, na medida em que a posição da consoante relativamente ao núcleo da sílaba condiciona a sua articulação, as consoantes periféricas são em princípio [+surdas]. Os princípios *SH* em (15) e *DCP* em (17) prevêem que, depois do núcleo vocálico, uma consoante tende a desvozear-se. Vejamos o que as línguas em análise revelam relativamente a consoantes finais, havendo de novo que considerar eventuais agrupamentos *homo* ou *dissilábicos*.

3.3.1. *Coda* simples

Os quadros seguintes apresentam a distribuição silábica das consoantes isoladas, em (18) para o Português e em (19) para o Francês:

(18) Português

consoante	Ataque	coda	consoante	ataque	coda
/p/	<i>pato</i>	—	/n/	<i>não</i>	—
/b/	<i>bala</i>	—	/z/	<i>zebra</i>	—
/t/	<i>ter</i>	—	/ʃ/	—	—
/d/	<i>dar</i>	—	/s/	—	—
/k/	<i>cor</i>	—	/l/	<i>ler</i>	—
/g/	<i>garra</i>	—	/t/	—	<i>mal</i>

<sup>31</sup> Esta tendência parece extensível às outras línguas românicas.

/f/	falar	—	/ʃ/	chá	mas
/v/	ver	—	/ʒ/	já	—
/s/	ser	—	/ʀ/	rato	—
/m/	mel	—	/r/	—	ter

(19) Francês

consoante	Ataque	coda	Consoante	ataque	coda
/p/	pas	frappe	/m/	mer	pomme
/b/	balle	robe	/n/	non	Antoine
/t/	terre	vote	/z/	zèbre	case
/d/	don	aide	/ɲ/	gnôle	campagne
/k/	car	sac	/l/	loi	folle
/g/	gare	bague	/ʃ/	chat	cache
/ʃ/	faire	gaffe	/ʒ/	jour	âge
/v/	voir	cave	/ʀ/	rat	car
/s/	sur	masse			

Nestes dois quadros, note-se que a diferença de distribuição das consoantes finais —apesar da proporção de sílabas fechadas e abertas ser sensivelmente a mesma nas duas línguas—, leva a que as sílabas portuguesas só podem ser fechadas por três consoantes<sup>32</sup>, conseqüentemente de frequência elevada. Em Português, de facto, só os três alófonos [+surdos] de /R/, /L/ ou /S/ são possíveis em *coda*. Em Francês, pelo contrário, todas as consoantes podem fechar sílabas, finais ou não.<sup>33</sup> Essa possibilidade explica-se pela presença em final de “e mudo ou caduco”, cujo equivalente gráfico é frequente nessa posição, e corresponde a uma antiga consoante intervocálica.<sup>34</sup>

3.3.1.1. Desvozeamento da *coda*

Como (18) e (19) sugerem, as consoantes finais francesas constituem em interlíngua um desafio fonológico importante, presumivelmente porque implicam conjuntos de traços articulatórios (labiais, nasais, sonoras, etc.), inexistentes em Português nessa posição.

Em Português Europeu, três consoantes são distribuídas complementarmente —isto é, têm variantes de *ataque* ou de *coda*, respectivamente: [R] não-final e [r] final, [l] não-final e [ʎ] final, [s] não-final e [ʃ] final. Podemos invocar, para justificar a distribuição destes alófonos, o princípio *SH*, nomeadamente o fenómeno de desvozeamento anteriormente descrito. A posição final da consoante /R/, /L/ ou /S/ leva, pois, em função da *SH*, a seleccionar um alófono [±surdo], enquanto a sua posição não-final exige um alófono [-surdo].

O que dizer das outras consoantes? Numa primeira análise, dir-se-ia que o locutor selecciona a via da *paragoge* (*epêntese* final) para os traços impossíveis em *coda* em Português, de forma a remeter a consoante para uma posição de *ataque*, compatível com a distribuição descrita em (18). De acordo com a *Morpheme Structure Condition* (cf. supra), a única maneira de pronunciar essas consoantes seria de facto de as redistribuir, por meio de *paragoge* vocálica, de /-V(C<sub>1</sub>)/ para /-V#(C<sub>1</sub>)E/. É provavelmente o que explica a pronúncia em Português de estrangeirismos como *naifa* (do Inglês *knife*) ou *bege* (do Francês *beige*).

Contudo, no domínio específico da interlíngua, só o traço [±sonoro] final se revela incompatível com a fonologia consonântica materna, sendo as consoantes [+surdas] aceites nessa posição, de acordo com (15) e (16), independentemente dos seus outros traços fonéticos. Em consequência, propomos a ocorrência de *paragoge* vocálica para a pronúncia em *interlíngua* de todos os casos de consoantes finais francesas [-surdas], por meio da regra *Schwa Insertion* (cf. Halle & Clements (1983)). Essa regra consiste na inserção de *schwa* depois da

<sup>32</sup> Mais precisamente, as variantes dos três arquifonemas /R/, /L/ e /S/, respectivamente.

<sup>33</sup> Em Francês, não há casos de distribuição complementar de variantes consonânticas. A estabilidade articulatória das consoantes é uma característica dominante da fonologia francesa.

<sup>34</sup> A queda da vogal final deu-se geralmente em Francês no fim da época pré-clássica, mas é de salientar que a pronúncia do “e” final se mantém nos falares meridionais e periféricos, assim como em alguns crioulos e dialectos afins.

consoante final, criando conseqüentemente uma nova sílaba, e transformando a consoante de *coda* numa consoante de *ataque*. Essa inserção permite ao discente contornar a regra (16) e manter o traço [-surdo] para a pseudo-consoante final. Na representação fonética subjacente de itens lexicais como *vague*, *âge*, *âme*, *âne*, *rive*, *gaz*, etc., em (20), a consoante [-surda] encontra-se pois, na *interlíngua*, em posição intervocálica;

(20)

Francês /-(V)(C)/		Interlíngua /-(V)##(C)E/	
vague	[vag]	Vague	[ <sup>h</sup> vagə]
âge	[aʒ]	âge	[ <sup>h</sup> aʒə]
rame	[Ram]	rame	[ <sup>h</sup> Ramə]
âne	[an]	âne	[ <sup>h</sup> anə]
rive	[riv]	rive	[ <sup>h</sup> rivə]
gaz	[gaz]	gaz	[ <sup>h</sup> gazə]

A regra geral seguinte justifica a *paragoge* em casos de *coda* [-surda]:

(21) /-(C<sub>1</sub>)/ → [-(C<sub>1</sub>)E] sse Son(C<sub>1</sub>) = [-surda]

Propomos que, para as *codas* [+surdas], não há *paragoge* em *interlíngua*, na medida em que não se dá *Schwa Insertion*. O traço [+surdo] obedece efectivamente à regra geral de desvozeamento das consoantes periféricas em (17), pelo que, nos exemplos seguintes, a [+surda] é final:

(22) *vache, roc, chef, as, cet, top*  
[vaf, Rɔk, fɛf, as, sɛt, tɔp]

A não ocorrência de *paragoge* em casos como (22) aponta de novo para a tendência geral do consonantismo materno do discente em desvozear consoantes em periferia de sílaba. Esta tendência verifica-se não só em final absoluta, como também em sílabas fechadas não-finais. Em qualquer caso, a *coda* parece em *interlíngua* inacessível a consoantes [-surdas], qualquer que seja o seu modo de articulação.

Confirmando este tipo de comportamento, e tendo em conta as dificuldades em pronunciar [-surdas] em *coda*, os manuais ortoépicos do Francês aconselham justamente o discente a inserir um *e mudo* final, destinado a marcar a sonoridade da consoante anterior. COMPANYS, por exemplo, pretende “fazer sentir” ao aluno

(23) "*que ces consonnes finales doivent être prononcées comme si elles étaient intervocaliques et qu'elles sont indépendantes de la voyelle précédente*",<sup>35</sup>

e propõe que se tolere, a nível inicial, a pronúncia de um *e mudo* de tipo meridional.

Em suma, em Português Europeu, sendo as consoantes de *coda* sempre [+surdas], uma [-surda] em final absoluta implicaria um traço não materno, estratégia difícil em termos de aquisição. A *paragoge* em [ə] permite conjugar na *interlíngua* Português/Francês uma posição de *coda* com um traço [-surdo].

### 3.3.1.2. Variantes complementares

A aquisição dos alófonos das consoantes finais é um exemplo particularmente revelador dos processos fonéticos da *interlíngua*. Note-se, por exemplo, que o discente assimila, em sílaba fechada, o alófono materno [ʃ] (chiente-surda, como em *diz*), à sibilante francesa [s] (como em *dix*), reduzindo, na sua *interlíngua*, estes itens lexicais à matriz fonética recombinação [diʃ]<sup>36</sup>. Do mesmo modo que [ʃ], o alófono velarizado [ʃ̥] será também geralmente aplicado em finais francesas como [-al] (*mal*). Na realidade, o discente manifesta inclinação para

<sup>35</sup> COMPANYS E., “Phonétique française pour hispanophones”, p.20

<sup>36</sup> O símbolo [ʃ̥] é usado, com base em BARROSO (1999), para referir uma variante do arquifonema sibilante-chiente /S/, contextualmente realizada em Português Europeu em final absoluta.

transferir para a sua *interlíngua* o sistema de consoantes finais do Português, caracterizado pelos três alófonos [r], [ʀ] e [ʁ] (Cf. BARROSO (1999)), obedecendo assim a (17).

O sistema de consoantes finais materno é habitualmente destacado do conjunto de articulações consonânticas pelo facto de se basear numa distribuição silábica de tipo complementar (*ataque/coda*), ligada a processos de velarização ([ʀ]), palatalização ([ʁ]) e desvozeamento ([r]). Como assimila os contextos (geralmente sílabas fechadas) em que o processamento fonético da LM prevê consoantes velarizadas ou palatalizadas —ou ainda redução a surda da sonora [R]—, o discente projecta esse sistema materno extremamente marcado num modelo em que todas as consoantes podem aparecer em final absoluta (Cf. (19), para o Francês).<sup>37</sup>

Em consequência desta restrição, e de acordo com (16) e (17), o discente pode produzir em fase de aprendizagem formas híbridas, como:

(24)

<b>Francês</b>		<b>Interlíngua</b>	
folle	[fɔl]	folle	*[fɔʀ]
dix	[dis]	dix	*[diʃ]
mer	[mɛR]	mer	*[mɛr]

O desvozeamento de /R/ em [r] constitui o caso mais frequente de dificuldade articulatória em FLE, particularmente por parte dos discentes de línguas românicas.

### 3.3.1.3. Desvozeamento e morfologia

Uma dificuldade específica na aquisição das consoantes finais reside na oposição [+surda]/[-surda], do tipo [f]/[v], de alto rendimento em final absoluta, característica marcada do Francês, decorrente, como se disse, da frequência da posição final em *schwa*. Em *interlíngua*, o discente não é sensível a traços morfológicos baseados nessa oposição, o que o impede de dominar parte da morfologia flexional, como as séries *euf* [æf] – *euve* [æv] ou *if* [if] – *ive* [iv], relativas a itens como *neuf/neuve* ou *actif/active*. De acordo com (16) e (17), a sua fonologia será obviamente baseada na escolha do traço [+surdo], realizado como [f]<sup>38</sup>. A não realização da oposição final [+surda]/[-surda] ditará, em *interlíngua*, formas intermediárias em que a oposição morfológica será inoperacional:<sup>39</sup>

(25)

<b>Francês</b>		<b>Interlíngua</b>	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
[aktif]	[activ]	[aktif]	*[aktif]
[næf]	[næv]	[næf]	*[næf]

### 3.3.2. Codas complexas

#### 3.3.2.1. Clusters homossilábicos em /-(C<sub>1</sub>)R/

<sup>37</sup> Na medida em que não possuem um estatuto fonológico, já que não passam em Francês de variantes dialectais, [r], [ʀ] e [ʁ] devem ser consideradas problemáticas em fonologia da *interlíngua*. Prevêem-se, em consequência, dificuldades para todas as sílabas finais fechadas pelos segmentos /R/, /L/ e /S/, já que o discente optará por reproduzir, na *interlíngua*, os alófonos correspondentes.

<sup>38</sup> Sendo o traço [-surdo] marcado, o discente realiza sequências do tipo:

(i) \* elle est active [elɛtaktiv]

(ii) \* une voiture neuve [ynɔvɔtyRnœf]

<sup>39</sup> O mesmo tipo de neutralização aparece em pares lexicais do tipo “bouge”/“bouche”, que serão confundidas em *interlíngua*: \*[buʃ].

Este contexto é ilustrado em sílabas finais de tipo /-(V)(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)/, sendo que, na dupla C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>, C<sub>2</sub> é obrigatoriamente a vibrante /R/, sob forma de um dos seus alófonos (cf. Quadro (8)). A estrutura /-(C<sub>1</sub>)R/ pressupõe a grafia (C)re, isto é, uma final em *e mudo*. Eis alguns exemplos nas duas línguas:

- (26) a. âcre, feutre, arbre, tigre, âpre, affre, pauvre, foudre (Francês)  
[akR, fœtR, aRbR, tigR, apR, afR, povR, fudR]
- b. entre, abre, cobre, tigre, cofre, pobre, coldre (Português)  
[ẽtr(ə), 'abrə, 'kɔbrə, 'tigrə, kɔfr(ə), 'pɔbrə, 'kɔldrə]

Como se nota em (26), as combinações consonânticas em /-(C<sub>1</sub>)R/ distinguem-se pelo facto de /R/ estar associado a [+surdas], como [t], ou [-surdas], como [b]. Relativamente ao Português, o *cluster* /-(C<sub>1</sub>)R/ implica a regra *Schwa Insertion* para todas as ocorrências de (C<sub>1</sub>) [-surda], casos de *pobre* ou *abre*. No caso de (C<sub>1</sub>) [+surda], contudo (como em *cofre* ou *entre*), existe um *cluster* agrupado, havendo provavelmente, a nível fonético, opção entre a realização ou não de [ə].<sup>40</sup> Em consequência, a pronúncia de /-(C<sub>1</sub>)R/ na interlíngua será condicionada pela sonoridade de C<sub>1</sub>, na medida em que haverá obrigatoriamente, de acordo com (21), *Schwa Insertion* para casos como [gR], [dR], [bR] ou [vR], ao contrário de sequências como [tR] ou [kR]. No caso de *codas* complexas, a regra geral é a seguinte:

- (27) /-(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)/ → [-(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)E] sse Son(C<sub>1</sub>) = [-surda]

No caso da vibrante /R/, note-se novamente a tendência do discente em privilegiar o alófono [+surdo]. Em virtude da *SH*, grupos homossilábicos como /-(C<sub>1</sub>)R/ serão interpretados a nível fonético, em *interlíngua*, como [(C)r] em coda de sílaba —e [(C)rə] no caso de (C<sub>1</sub>) ser [-surda]— na medida em que o alófono [+surdo] [r] se encontra em periferia de sílaba. A tendência geral do consonantismo Português em desvozear a segunda consoante num grupo /C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>/ confirma-se assim novamente.

O princípio *SH* em (15) e (16) permite compreender a ocorrência em *interlíngua* de formas como \*[akr] (*âcre*) ou \*[fœtr] (*feutre*): trata-se de adequar a sequência fonética a princípios gerais de sucessão de traços, que proíbem a justaposição de traços opostos. Em *interlíngua*, a sequência /akR/ seria problemática na medida em que contem a monossílaba /V(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)/ com os traços [+sonora], [+surda], [-surda], em contradição, portanto, com a *SH*. O desvozeamento de [R] em [r] permite assim harmonizar a sequência de traços correspondentes: [+sonora], [+surda], [+surda]. Uma estratégia complementar consiste em inserir *schwa*, de modo a dissociar o *cluster* de consoantes da sílaba anterior: [fœ#trə]. Esta parece ser a solução adoptada em Francês materno para respeitar a hierarquia *SH*, já que a sequência fonológica /akR/ se traduz geralmente, a nível fonético, em [akRə], com tendência à *paragoge* de [ə].

### 3.3.2.2. Clusters homossilábicos em /-(C<sub>1</sub>)L/

Este contexto é ilustrado em sílabas de tipo /-(V)(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)/, sendo que, na dupla C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>, C<sub>2</sub> é obrigatoriamente a consoante lateral /L/.<sup>41</sup> A estrutura /-(C<sub>1</sub>)L/ pressupõe a grafia (C)le, isto é, uma final francesa em *e mudo*. Eis alguns exemplos em Francês —este tipo de sílaba não tem expressão em Português:

- (28) cable, cycle, gifle, aigle, couple (Francês)  
[kabl, sikl, zifl, εgl, kupl]

Como se nota em (28), as combinações consonânticas em /-(C<sub>1</sub>)L/ distinguem-se pelo facto de /L/ estar associado a [+surdas], como [p], ou a [-surdas], como [b]. Em consequência, a pronúncia de /-(C<sub>1</sub>)L/ na *interlíngua* será condicionada pela sonoridade da primeira consoante, sendo que haverá, de acordo com (27), *Schwa Insertion* para casos como [gl] ou [bl] (consoante inicial [-surda]), ao contrário de sequências como [fl]

<sup>40</sup> Seguindo Mateus (1989), o [ə] opcional é assinalado em (26) por parênteses curvos.

<sup>41</sup> Estando integrada num grupo, a consoante /L/ não velariza em [ʃ].

ou [kl]: [*ka#blə*], [*sikl(ə)*], etc. —cf.(27). Em Francês materno, a sequência fonológica /*sigl*/ traduz-se geralmente a nível fonético em [*siglə*], com paragoge de [ə].

### 3.3.2.3. Apócope de *coda* complexa

Segundo o *Maximal Onset Principle*, as regras universais de divisão silábica levam a que uma *coda* complexa seja uma sequência articulatória exigente, susceptível em consequência de ser reprocessada a nível fonético. Além da regra *Schwa Insertion*, já antevista para sequências com o traço [-surdo], outra estratégia parece estar à disposição do locutor para redistribuir consoantes finais dissilábicas: a *apócope* de C<sub>2</sub>. Assim, detectam-se em *interlíngua* ocorrências de queda de /R/ ou /L/, nomeadamente no caso de C<sub>1</sub> ser [+surda]:

(29)

<b>Francês</b>		<b>Interlíngua</b>	
quatre	[katR]	quatre	*[kat]
autre	[otR]	autre	*[ot]
peuple	[pœpl]	peuple	*[pœp]
couple	[kupl]	couple	*[kup]

Na realidade, as estratégias de *paragoge* e *apócope* devem ser consideradas complementares em função do contexto fono-sintático. Em regra geral, a *apócope* da consoante ocorre em posição não final de grupo rítmico, ao passo que a *paragoge* caracteriza uma sílaba final absoluta:

(30)

<b>paragoge</b>		<b>apócope</b>	
un beau livre	[livRə]	à quatre pattes	[kat]
la table	[tablə]	la table blanche	[tab]

### 3.3.2.4. Clusters dissilábicos em /-R(C<sub>2</sub>)/

Este contexto é ilustrado em sílabas finais de tipo /-(V)R(C<sub>2</sub>)/, sendo que, na dupla C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>, C<sub>1</sub> é obrigatoriamente a consoante vibrante /R/, sob forma de um dos seus alófonos (cf. Quadro (8)). A estrutura silábica /-R(C<sub>2</sub>)/ pressupõe a grafia *r(C)e*, isto é, uma final em *e mudo*. Eis alguns exemplos nas duas línguas:

- (31) a. courbe, perte, verbe, large, verve, larve, barde, corde (Francês)  
[kuRb, pɛRt, vɛRb, laRʒ, vɛRv, laRv, baRd, kɔRd]
- b. forte, arte, morte, lorde, tarde, alarme, alarve, carne, largue (Português)  
[fɔrt(ə), art(ə), mɔrt(ə), lɔrdə, tardə, v'alarmə, v'larvə, karnə, largə]

Como se nota em (31), as combinações consonânticas em /-R(C<sub>2</sub>)/ distinguem-se pelo alófono da vibrante /R/, a [+surda] [r] para o Português e a [-surda] [R] para o Francês. Relativamente ao Português, propomos que o contexto /-R(C<sub>2</sub>)/ implica a nível fonético a regra *Schwa Insertion* para todas as ocorrências de (C<sub>2</sub>) [-surda] final, casos de *alarve* ou *carne*, com a consequente ruptura silábica: [*kar#nə*] No caso de consoantes finais [+surdas], contudo (como em *arte* ou *forte*), existe um *cluster* agrupado, havendo provavelmente, a nível fonético, opção entre a realização ou não de [ə].<sup>42</sup> O princípio SH em (15) permite compreender a ocorrência em interlíngua de formas como \*[*ɔrbə*] ou \*[*kɔrdə*]: trata-se de adequar a sequência

<sup>42</sup> Seguindo Mateus (1989), o [ə] opcional é aqui assinalado por parênteses curvos. Acrescente-se que o grupo dissilábico em /-R(C<sub>2</sub>)/ é frequente em posição não final, correspondendo então a duas sílabas sucessivas: *porta*, *mortal*, etc

fonética a princípios gerais de justaposição de traços, que apontam para o facto de traços distantes não se poderem justapor. Em *interlíngua*, a sequência [ɔrb] seria problemática na medida em que contem a monossílaba /VC<sub>1</sub>C<sub>2</sub>/ com os traços [+sonora], [+surda], [-surda]. A paragoge em [ə] permite assim dissociar as duas consoantes em sílabas distintas, e harmonizar a sequência de traços correspondente: [ɔr#bə]

### 3.3.2.5. Clusters dissilábicos em /-L(C<sub>2</sub>)/

Este contexto é ilustrado em sílabas finais de tipo /-(V)L(C<sub>2</sub>)/, sendo que, na dupla C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>, C<sub>1</sub> é obrigatoriamente a consoante lateral /L/, sob forma de um dos seus alófonos (cf. Quadro (8)). A estrutura silábica /-L(C<sub>2</sub>)/ pressupõe a grafia l(C)e, isto é, uma final em *e mudo*. Eis alguns exemplos nas duas línguas:

- (32) a. halte, solde, vulve, algue, golfe, calme, pulpe (Francês)  
[alt, sɔld, vylv, alg, gɔlf, kalm, pylp]
- c. balde, salve, golfe, esmalte, falte (Português)  
[ˈbaldə, ˈsaldə, gɔlf(ə), ʒmalt(ə), falt(ə)]

Como se nota em (32), as combinações consonânticas em /-L(C<sub>2</sub>)/ distinguem-se pelo alófono da lateral /L/, sendo a [+velar] [ʎ] para o Português e a [+alveolar] [l] para o Francês. Relativamente ao Português, propomos que o contexto /-L(C<sub>2</sub>)/ implica a regra *Schwa Insertion* para todas as ocorrências de C<sub>2</sub> [-surda] final, casos de *balde* ou *salve*. No caso de consoantes finais [+surdas], contudo (como em *golfe* ou *falte*), temos uma final agrupada, havendo provavelmente, a nível fonético, opção entre a realização ou não de [ə].<sup>43</sup> O princípio *SH* em (15) permite compreender a ocorrência em *interlíngua* de formas como \*[ˈaltgə] (*algue*) ou \*[ˈkalmə] (*calme*): como para o caso anterior, trata-se de adequar a sequência fonética a princípios gerais de justaposição de traços, que apontam para o facto de traços opostos não poderem coexistir. Em *interlíngua*, a sequência [altg] seria problemática na medida em que contem a monossílaba /VC<sub>1</sub>C<sub>2</sub>/ com os traços [+sonora], [+surda], [-surda]. A paragoge em [ə] permite assim dissociar as duas consoantes em sílabas distintas, e harmonizar a sequência de traços: [ˈalt#gə]

### 3.3.2.6. Clusters dissilábicos em /-(C<sub>1</sub>)(C<sub>2</sub>)/

A ocorrência de grupos dissilábicos finais desprovidos de laterais ou vibrantes é rara em Francês, se comparada com *clusters* intervocálicos (*abjurer*, *excuse*, *actuel*, *disque*, *hypnose*, etc.), sendo os grupos *CT* ([kt]) e *ST* ([st]) os mais característicos, em final gráfica absoluta (33), ou com *e mudo* final (34):

- (33) a. tact, correct, verdict, intact, abject (Francês)  
[takt, kɔRɛkt, vɛRdikt, ɛtakt, abzɛkt]
- b. ouest, test, trust, zest, christ, digest, post  
[wɛst, tɛst, tRɛst, zɛst, kRist, dizɛst, pɔst]
- c. fisc, musc, busc  
[fisk, mæsk, bysk]
- (34) a. pacte, acte, docte, poste, vaste (Francês)  
[pakt, akt, dɔkt, pɔst, vast]

Também este tipo de estrutura silábica é presumivelmente submetido à *Morpheme Structure Condition*, nomeadamente quanto ao número de consoantes finais agrupadas —duas parece ser o máximo nestes casos. A

<sup>43</sup> Seguindo Mateus (1989), o [ə] opcional é aqui assinalado por parênteses curvos. Acrescente-se que o grupo dissilábico em /-L(C<sub>2</sub>)/ é frequente em posição não final, correspondendo então a duas sílabas sucessivas: *palco*, *salsa*, etc

MSC poderá ainda justificar a pobreza das combinações de *coda* do mesmo modo que o faz para as de *ataque* — cf. (13) e (14)—, sendo que os clusters de consoantes [+surdas] e/ou [-contínuas] /K/, /S/ e /T/ parecem dominantes.

A inexistência deste tipo de final em /-ST/ ou /-KT/ em Português levará em *interlíngua* o falante a optar por epentizar uma vogal final por meio de *paragoge* (como em *tact* \*[tak#tə]), ou, em alternativa, por apagar a segunda consoante por recurso à *apócope* de C<sub>2</sub>, em posição não final de grupo sintáctico —como no caso de *un test difficile*, com *apócope* de [t].

Note-se que existem em Português vários grupos dissilábicos /(C<sub>1</sub>)(C<sub>2</sub>)/, contudo exclusivamente em posição não final, nunca em *coda*: *captar*, *pneu*, *obter*, *facto*, *apto*, *objecto*, *cognome*, etc. Como em Francês, as ocorrências intervocálicas de /(C<sub>1</sub>)(C<sub>2</sub>)/ são sempre plurissilábicas em Português ([*ap#tu*]), embora em *ataque* impliquem *epêntese* vocálica, com a conseqüente ruptura do *cluster*, em algumas variantes não Europeias do Português: *pneu* [*pi#nev*].

### 3.4. As regras do consonantismo de *coda* em *interlíngua*

Podemos, dos casos analisados em 3.3, tirar algumas conclusões relativamente à gramática do locutor de FLE, e mais concretamente ao seu sistema consonântico? Salvo alguns casos, as regras do consonantismo final parecem obedecer aos mesmos pressupostos que o consonantismo de *ataque*, isto é *vocalização* e *desvozeamento*.

A *Morpheme Structure Condition*, que, como se viu, estipula condições que traduzem conjuntos de regularidades acerca da estrutura fonológica dos itens lexicais, proibindo ou autorizando diversas seqüências de traços, adianta, por exemplo, que um item só pode acabar por duas consoantes dissilábicas (como na seqüência /-(V)(C<sub>1</sub>)(C<sub>2</sub>)/, se C<sub>2</sub> for /K/ ou /T/ —cf.(33) e (34). Quanto ao *cluster* homossilábico /-(V)(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)/, uma das consoantes deve ser obrigatoriamente a líquida /R/ ou /L/, ou seja, uma [+vibrante] ou uma [+lateral]. Parece-nos pois que em todos os casos analisados em 3.3, a MSC distingue entre a LE, que tolera /-(V)(C<sub>1</sub>)(C<sub>2</sub>)/ e a *interlíngua*, que prefere /-(V)(C<sub>1</sub>)#(C<sub>2</sub>)E/ ou /-(V)#(C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>)E/—ou seja, a inserção de *schwa*.

Ao contrário do que mostram o Francês —cf. LÉON (1966), que remete o uso de [ə] para o domínio dialectal— e o Português —cf. PARDAL (1984, p.191), que esclarece que “il n’y a pas de [ə] dans notre dialecte”—, o recurso à vocalização por *paragoge* em [ə] é bastante frequente em *interlíngua*, por necessidade de adaptação das matrizes fonológicas dos itens lexicais franceses à distribuição de traços fonéticos em Português. A impossibilidade de realizar na *interlíngua* consoantes finais [-surdas], e a sua conseqüente transformação em consoantes intervocálicas, por ruptura de *cluster* e *paragoge* de [ə], parece ser um caso paradigmático desses reajustamentos fonéticos:

#### (35) Grupos dissilábicos

Francês		Interlíngua	
nível fonológico	nível fonético	nível fonológico	nível fonético
/-R(C <sub>2</sub> [+surda])/	[taRt]	/-R(C <sub>2</sub> [+surda])/	[tart]
/-R(C <sub>2</sub> [-surda])/	[kuRb]	/-R#(C <sub>2</sub> [-surda])E/	[ <i>ku#bə</i> ]
/-L(C <sub>2</sub> [+surda])/	[alt]	/-L(C <sub>2</sub> [+surda])/	[alt]
/-L(C <sub>2</sub> [-surda])/	[kalm]	/-L#(C <sub>2</sub> [-surda])E/	[ <i>ka#mə</i> ]

#### (36) Grupos homossilábicos

Francês		Interlíngua	
nível fonológico	nível fonético	nível fonológico	nível fonético
/-(C <sub>1</sub> [+surda])R/	[katR]	/-(C <sub>1</sub> [+surda])R/	[katr]
/-(C <sub>1</sub> [-surda])R/	[kuvR]	/-(C <sub>1</sub> [-surda])RE/	[ <i>ku#vrə</i> ]
/-(C <sub>1</sub> [+surda])L/	[sikl]	/-(C <sub>1</sub> [+surda])L/	[sikl]

/-(C <sub>1</sub> [-surda])L/	[ɛg]	/-(C <sub>1</sub> [-surda])LE/	[ɛ#g]ɹ]
-------------------------------	------	--------------------------------	---------

Em síntese, a regra *Schwa Insertion* aparece em *interlíngua* como um mecanismo dominante, contra o que acontece nas línguas originais — estrangeira e materna. Quando um *cluster* impossível de silabificar aparece na representação subjacente, aplica-se então uma regra de inserção — *prótese*, *epêntese* ou *paragoge*— capaz de quebrar o *cluster* em questão e autorizar a representação de superfície a silabificar sem *clusters*.

Na fonologia do locutor de FLE, o princípio de *Hierarquia da Sonoridade* também se aplica ao consonantismo final, como nas sequências /-R(C<sub>2</sub>)/, /-(C<sub>1</sub>)R/ e /-L(C<sub>2</sub>)/. Em todos estes contextos, os *clusters* de consoantes serão interpretados a nível fonético na *interlíngua* em função do fenómeno geral de desvozeamento das consoantes periféricas —cf. (37):<sup>44</sup>

(37)

Nível fonológico	→	Nível fonético
/-(C <sub>1</sub> )R/		[-(C <sub>1</sub> )r] / [-(C <sub>1</sub> )rɹ]
/-(C <sub>1</sub> )L/		[(C <sub>1</sub> )l] / [-(C <sub>1</sub> )lɹ]
/-R(C <sub>2</sub> )/		[r(C <sub>2</sub> )] / [-r#(C <sub>2</sub> ) ɹ]
/-L(C <sub>2</sub> )/		[-l(C <sub>2</sub> )] / [-l#(C <sub>2</sub> ) ɹ]
/-(C <sub>1</sub> )(C <sub>2</sub> )/		[(C <sub>1</sub> )(C <sub>2</sub> )] / [-(C <sub>1</sub> )#(C <sub>2</sub> ) ɹ]

#### 4. Conclusão

A análise das regras fonológicas aplicadas às consoantes no contexto Português/Francês permite, de modo geral, reformular a ideia de *interlíngua*, independentemente dos seus pressupostos contrastivos. A ideia que aqui deixamos é a de que a *interlíngua* é na verdade uma língua *à part entière*. Tem, como tal, a sua gramática, a sua fonologia —as suas regras fonológicas—, distintas, simultaneamente, das regras de LM e LE, embora com elas partilhe muitas características. O que se designa, em linguística aplicada, como “*interlíngua*” deve, a nosso ver, ser considerado como um sistema linguístico pleno —embora necessariamente precário—, para o qual é possível formular regras operativas e hipóteses descritivas. Em consequência, todos os universais gramaticais —e portanto fonológicos— que são válidos em língua materna —e, por extensão, nas línguas naturais— também o são em *interlíngua*, o que não significa obviamente que a gramática da *interlíngua* seja rigorosamente idêntica à materna. Concluímos que os dados articulatórios evidenciados em *interlíngua* relativamente à pronúncia das consoantes se devem a uma reorganização combinando as gramáticas fonológicas de LM e LE a partir de regras gerais da fonologia humana.

Do ponto de vista da aprendizagem, afigura-se que, face aos contornos fonéticos da LE, o discente constrói estratégias de apropriação oral baseadas em identificações determinadas por categorias fonológicas universais, de acordo com uma configuração geral dos traços a nível da Componente Fonológica. Será provavelmente em grande parte a essa universalidade dos contornos fonéticos da fala, assim como aos processos naturais envolvidos na maturação da capacidade fonológica, que se deve a persistência de factores como aqueles aqui apresentados, que terão as mesmas características para todos os locutores de uma língua determinada.

<sup>44</sup> Em (37), a alternância a nível fonético relaciona-se com o traço [±surdo] do paradigma consonântico.

Diga-se por fim que a escolaridade dificilmente pode prevenir dificuldades baseadas em áreas fonéticas distantes, dado que o enraizamento articulatorio materno resiste às capacidades correctivas do ensino e ao recondicionamento dos hábitos adquiridos. Esses hábitos fonológicos são por um lado sistemáticos (definem um falar materno), e, por outro, representam um estado definitivo, fossilizado, do locutor, sendo que os requisitos veiculados pela LE de alguma forma chegam “tarde demais” (não é contudo o caso numa situação de bilinguismo).<sup>45</sup> O facto de os automatismos adquiridos dificultarem uma aquisição posterior provêm pois da inércia do sistema materno e, em última instância, das características gerais do desenvolvimento neurológico da linguagem humana.

Fernando Martinho  
[fmart@mail.ua.pt](mailto:fmart@mail.ua.pt)  
<http://sweet.ua.pt/~fmart/>

## 5. Bibliografia

- ANDRADE PARDAL, E, *Aspects de la Phonologie (générative) du Portugais*, Publicações do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- BARROSO, H. (1999), *Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa*, Almedina, Coimbra
- BLANCHE-BENVÉNISTE C., JEANJEAN C. (1986), *Le français parlé, transcription et édition*, Institut National de la Langue Française (CNRS)
- CALLAMAND. M. (1981), *Méthodologie de l'enseignement de la prononciation*, Paris, Clé International
- CHOMSKY & HALLE (1968), *The Sound Pattern of English*, Harper & Row, New York
- CHOMSKY, N. (1986), *Knowledge of language: Its nature, origin, and use*, New York: Praeger. Trad. Port: série LINGUÍSTICA, Editora Caminho.
- CHOMSKY, N. (1995), *The Minimalist Program*, MIT Press, Cambridge, MA.
- CICHOCKI, W, HOUSE, A.B, LISTER, A.C (1997), “Cantonese Speakers and the Acquisition of French Nasal vowels”, in *Revue Parole*, nº1, pp.1-15, Paris.
- CLERC, M.(1999), “La compréhension de l’oral en langue voisine. Espagnol pour francophones: analyse d’erreurs et conséquences méthodologiques”, in *Les Langues Modernes*, nº2, pp.48-58, Paris.
- COMPANYS E.(1966), *Phonétique française pour hispanophones*, Paris, Hachette-Larousse (BELC)
- ECKMAN, F. (1977). “Markedness and the Contrastive Analysis Hypothesis.”, in *Language Learning*, nº 27
- HALLE, M., & CLEMENTS, G., *Problem Book in Phonology*, MIT Press, Cambridge, MA, 1983.

---

<sup>45</sup> Alguns ortoepistas, como E. Companys, parecem contudo considerar que é sempre possível corrigir a maioria dos vícios de pronúncia, mesmo em casos de sistemas fonológicos distantes, como os do Espanhol e do Francês (Cf E. COMPANYS, *Phonétique française pour hispanophones*). Por seu lado, CALLAMAND afirma: *En matière de phonétique, l'apprentissage est sans doute pour une très grande part fruit d'imitation -imitation d'un enseignant qui a lui-même une bonne prononciation et imitation d'un enseignant qui a un bagage suffisant pour proposer les exemples adéquats lorsque des productions fautives apparaissent. Une attention constante serait alors le critère de réussite. Mais il est rare que toutes les conditions favorables soient réunies, et lorsque de mauvaises habitudes ont été acquises, seule une approche rigoureuse peut présenter quelque garantie de succès.* (op. cit., p.8)

- KAHN, D. 1976. Syllable-based generalizations in English phonology. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Mass. Published by Garland Press, New York 1980.
- KATAMBA, F. (1989) *An Introduction to Phonology*. Harlow: Longman.
- KIPARSKY, P. (1982). *From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. The structure of phonological representations I*, edited by Harry van der Hulst & Norval Smith, 131-175. Dordrecht: Foris.
- KRISTEVA, J (1981). *Le Langage, cet Inconnu*, Le Seuil, Paris
- LÉON P.(1966), *Prononciation du français standard*, Paris, Didier
- LÉON P.(1980), *Introduction à la phonétique corrective*, Paris, Hachette-Larousse (BELC)
- MARTINET J.(1974), *De la théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, Paris, PUF
- MARTINHO, F, (1993), “Orthoépie et interferente en Français Langue Étrangère. Analyse comparée des systèmes phoniques français et portugais”, ms, Departamento de Línguas, Universidade de Aveiro.
- MATEUS, M.H, d’ANDRADE, E. (2000), *The Phonology of Portuguese*, Oxford University Press
- SELKIRK, E. 1981. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. In T. Fretheim, ed., *Nordic Prosody II*, Trondheim: TAPIR.